



MATERIAL PEDAGÓGICO N.º 13

EUGENE TRIVIZAS SOBRE O TERMO «PIGS»

Eugene Trivizas, autor de contos de fadas modernos e Professor de Criminologia na Universidade de Reading, que ganhou uma ação judicial contra a Coca-Cola, expõe e documenta de forma académica os seus pontos de vista sobre a utilização do termo «PIGS», mas também sobre o recurso sistemático a estereótipos negativos para descrever os povos. Segundo o Professor Trivizas,

a caracterização dos gregos como burlões, traidores, etc. é apenas mais uma ocorrência do fenómeno sociológico de invocar estereótipos nacionais negativos em tempos de crise. Em vez de se avaliar e criticar as decisões ou ações de indivíduos específicos, estigmatiza-se coletivamente um povo. O estereótipo mais perigoso é o que coloca a questão de se saber se determinadas raças ou grupos étnicos são humanos.

O acrónimo «PIGS» utilizado por investidores e comentadores anglo-saxónicos e da Europa Ocidental para designar os povos do sul da Europa e as suas economias não é apenas um insulto de mau gosto. Trata-se de uma versão moderna do fenómeno histórico de pôr em dúvida a humanidade de outros seres humanos, processo através do qual os membros de um grupo étnico depreciam os membros de outro, colocando-os ao nível dos animais e indicando assim, indiretamente, que merecem ser tratados como tal.

Apesar de alguns jornais, como o *Financial Times*, e bancos, como o Barclays, terem respondido a queixas, como a apresentada pelo ministro das Finanças português, com a proibição da expressão «PIGS», existe o risco de que o termo venha a tornar-se prática consolidada. Aqueles que continuam a utilizá-lo não se apercebem da sua gravidade. Esquecem-se de que expressões depreciativas semelhantes foram sistematicamente utilizadas no passado para dessensibilizar o público, para eliminar quaisquer escrúpulos, para desativar a empatia e para abrir o caminho a perseguições, massacres e mesmo genocídios.

Por exemplo, o genocídio no Ruanda foi precedido por uma campanha governamental concertada de «embrutecimento» verbal das vítimas e durante a II Guerra Mundial a propaganda japonesa utilizou o mesmo método contra os americanos. O caso mais extremo, claro, é o do III Reich. Uma das preparações químicas utilizadas para levar a cabo o genocídio dos judeus nos campos de concentração foi o pesticida Zyklon B. No entanto, muito antes de os prisioneiros serem mortos com pesticidas, a máquina de propaganda nazi já os tinha desumanizado.

Expressões como «ratazanas» e «parasitas» eram sistematicamente utilizadas para descrever os judeus. E, evidentemente, quando as pessoas veem os seus opositores não como seres humanos mas como animais ou parasitas não têm muitos escrúpulos em matá-los para reciclar o seu pelo ou a sua gordura. A violência verbal «embrutecedora» é, muitas vezes, o primeiro passo para a verdadeira violência, e não só a nível internacional.



No âmbito da minha investigação no domínio da criminalidade organizada, estabeleci uma distinção entre duas categorias de expressões ofensivas - as que negam a masculinidade do opositor e as que negam a sua humanidade - e concluí que as primeiras abrem caminho a uma violência ritualista e as segundas à violência de facto (1). As consequências trágicas do «embrutecimento» verbal constituem a razão pela qual os antropologistas Montagu e Matson consideram que o processo de desumanização de outros seres humanos é o «quinto cavaleiro do Apocalipse». Seria, evidentemente, ir demasiado longe afirmar que os utilizadores do termo «PIGS» estão a preparar o terreno para o massacre económico dos pródigos «PIGS» do sul.

Mas não deixa de ser surpreendente que pessoas civilizadas cheguem ao ponto de utilizar expressões depreciativas que tanto sofrimento provocaram no passado. Quando deixamos de tratar os outros como indivíduos mas como representantes de estereótipos, quando consideramos que um grupo étnico consubstancia tudo o que é honesto e ético e o opositor tudo o que é fraudulento e imoral, estamos a abrir a porta a todos os tipos de barbárie. Os povos do sul não são «PIGS», assim como os gregos não são burlões congénitos ou os alemães não são propensos a cometer atos de genocídio.

O bem e o mal existem em cada um de nós e o último pode ser facilmente desencadeado por interações sociais verbais. Esperemos que o «quinto cavaleiro do Apocalipse» tropece nas rochas da razão e da nossa humanidade comum antes de poder lançar num novo massacre.

1. «Crowd events in the Metropolitan Area», *The Kingston Law Review*, vol. 9, n.º3, dezembro de 1979.
2. Ashley Montagu, Floyd Matson, *The Dehumanization of Man*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1983.

Fonte: [TA NEA](#)